

Será que falta inteligência territorial para propor um modelo de produção responsável pela Região do Orinoco?

*“O desenvolvimento sustentável não é um objectivo que chegar, mas uma maneira de viajar.”
M. Novo.*

Claramente, a região do Orinoco entrou no circuito DA globalização dos sistemas de produção agrícola. A partir do ano 2010 um aumento na área plantada com a monocultura (arroz, soja, milho, dendê e florestal com espécies exóticas) em que grandes investidores capitalistas têm “descoberto” como a grande fronteira que permite ampliar a sua base económica, e evitar a intervenção incontrolável dos seus próprios ecossistemas.

Nesta conjuntura, aproveitaram a escassez de instituições locais e regionais que poderiam lidar com a crise de sustentabilidade associada - que continua a ser uma séria crise global e os impactos locais- como levantou Guimarães (1991), tais modelo de produção, além de gerar uma crise ecológica que está ocorrendo é um eco-político, ou seja, a crise relacionada com os sistemas institucionais e de poder que regulam a posse, utilização e distribuição de recursos nos territórios neo colonizados. Se diz da necessidade urgente de incorporar uma estrutura de inteligência territorial - transição sócio-ecológica na decisão política e económica antes de um modelo de produção que está alterando as redes dinâmicas de decisões baseada na produção natural. Hoje, perante instituições claramente disfuncionais para garantir que o modelo não desate problemas irreduzíveis, estamos no intuito de ativar as alarmes ante uma crise natural jamais vista na planície colombiana.

Também foi relatado que o desenvolvimento económico global baseado no desperdício de recursos naturais e humanos, tem aumentado de várias maneiras, a vulnerabilidade dos sistemas naturais e de alguns grupos sociais em territórios intervindos pelo modelo de produção, que se move para novas áreas de diferentes continentes como a América do Sul. No Orinoco, as mudanças começaram a aceitar a necessidade de inserir-nos no globalismo económico e circuitos mercado mais dinâmico, mas agora mesmo aceitando como boa intenção, adverte-se que a execução é ruim. Por exemplo, o modelo agrícola começou a intervir seriamente as paisagens, simplificando-os, trazendo-os para uma nova estrutura do agro-ecossistema, com a expressão do potencial das novas tecnologias, ela é definida como superfície expansão de terras agrícolas com mais um uso intensivo do recursos hídrico, em detrimento dos outros usos do território: não é por acaso o desaparecimento da pecuária de baixa intensidade como componente móvel do agroecossistema, interligação entre os diferentes espaços e concorrente em capturar os fluxos de energia.

Embora o paradigma atual e oportuna indica que as terras nas planícies altas são adequados apenas para o agrogócio, um estudo recente das Universidade Javeriana, Llanos e OXFAM diz que, pelo contrário, eles mesmos são adequados para a produção de agricultura familiar (Forero et al, 2015). O que está escrito sobre eles, podemos deduzir que o modelo de monoculturas intensivas afeta a cesta de bens empobrecendo a agricultura rural, que, por sua vez, reduz a auto-consumo dos camponeses que tradicionalmente tem incorporado a auto-produção e serviços ambientais para a sua dieta tais como peixes, aves e frutas nativas de oferta sazonal. Apropriação humana da produção primária líquida está causando o declínio da biodiversidade, mas também um aumento da produção; para contribuir de forma decisiva para a incorporação maciça de insumos e o uso dos recursos hídricos no ecossistema agrícola - o aumento sustentado da produtividade da terra e do trabalho, só é possível através de um aumento correlativo da pegada oculta, ou seja, por meio da importação energia e de material, por conseguinte, o aumento da produção física agroecossistema está fazendo a mesma quantidade que você deixe “País importador”, simplificando a paisagem ea biodiversidade. A maior produtividade do território não pode ser considerado eficiente quando se

baseia-se na ineficiência energética do modelo, apenas viável de gestão de subsídios de energia, geralmente feito com recursos estatais, ou seja, recursos de todos os cidadãos.

Além disso, o modelo propõe o uso intensivo e indiscriminado de pesticidas e organismos geneticamente modificados. Em geral, 85% da produção mundial de pesticidas utilizados na agricultura, 10% da produção mundial são utilizados em campanhas de saúde para controlar o vetor e 5% em produtos armazenados, no sector da pecuária, áreas públicas, casas e edifícios para controlar pragas, como insetos e roedores. Os produtos químicos utilizados nos processos de produção causar poluição da água, ar e alimentos, gerando risco significativo para a saúde pública, a produtividade e os ecossistemas. Colômbia ocupa o quarto lugar preocupante entre as nações do mundo onde mais pesticidas utilizados (inseticidas, fungicidas e herbicidas) (FAO, 2012). Cerca de 20 mil toneladas por hectares de culturas, os herbicidas são responsáveis por cerca de 40% do volume de pesticidas utilizados, tal como no resto do mundo, também aqui glifosato (GP) é um dos mais herbicidas aplicados pelo modelo de produção. Em geral, reconhece-se que quando a solubilidade é superior a 30 ppm, existe um potencial que o pesticida alcança o risco das águas subterrâneas.

Nesta região o uso de fertilizantes e outros produtos agroquímicos na agricultura poderia a partir de agora gerar fenômenos para a sua eutrofização descarga contínua (proliferação de algas, mudanças na estrutura de comunidades bióticas, a redução da biodiversidade, mortalidade de peixes em sistemas aquáticos, a depleção de oxigênio dissolvido). Além disso, alguns estudos anteriores (Eslava et al., 2007) advertiram que o uso indevido de pesticidas e organismos geneticamente modificados, com resistência introduzido poderia gerar impactos sobre as espécies não-alvo (de destino) e, conseqüentemente, sobre a biodiversidade do orinoco.

Alarmes acesas sobre o modelo de intervenção em ecossistemas orinoqueses, especialmente a respeito de superfície e subterrâneas em áreas de águas equilíbrio fragil, tais como os rios que nascem nos planaltos, ou nas savanas inundadas de Casanare por exemplo, você não pode apaziguar para atender os dados científicos e técnicos sobre as concentrações de pesticidas no solo e na água, para se referir a uma única aresta do problema, o que tem a ver com o uso de agro-químicos. Estudos sobre o impacto de novos desenvolvimentos nas populações selvagens de mamíferos, aves, peixes, mariscos, macro e micro-invertebrados liquidados em relação às zonas húmidas, córregos e rios do Orinoco também são necessários. Infelizmente não há dados oficiais sistemáticas que se pode confiar em tal monitoramento ambiental realizados nos últimos anos em relação ao agro-ecossistemas implementação recente são conhecidos. Os Ministérios da Saúde, Agricultura e Meio Ambiente, em colaboração com o departamento de Ministérios da Saúde, o Corporações Autónoma Regional e ICA regionais, respectivamente, têm funções de monitorização e controle para o armazenamento, transporte, distribuição e venda de pesticidas. Mas, como observou em vários fóruns e documentos, na Colômbia, apesar da existência de autoridades para controlar pesticidas no agrônômica, saúde e meio ambiente, as dificuldades surgem em termos regulamentares, administrativas e operacionais, que é muito mais precário no Orinoco.

Então surge a pergunta ¿é possível um uso intensivo e eficiente do território orinocense para a produção de bens alimentares e agrícolas realmente sustentável? Sim, é claro que é, mas o seu ponto de partida está a mudar muitos paradigmas de desenvolvimento e produtividade, em que modelo de eficiência energética privilegiada que gera autonomia, quando a biodiversidade seja uma expressão ativa e decisiva da produtividade e quando a integração agrícola e pecuária seja uma busca de transformação do potencial produtivo do Orinoco. a complexidade Tropical é a base fundamental da produtividade do território, mas não só demanda conhecimento e capacidade de interpretar, exigem uma sociedade que compreende a diferença de ter privilegiada localizacao na linha do equador e do que ela representa.

Dada a necessidade de dar respostas a nível do território, onde enfrentam os custos sociais e ambientais da globalização, o conceito de inteligência territorial (TI) desenvolvidas por grupos de investigadores europeus em meados dos anos 80 (Girardot, 2000) permitiria propor uma reflexão prospectiva sobre os desafios económicos, sociais, ambientais e culturais da globalização no território do Orinoco. a IT pode produzir conhecimento sobre as dinâmicas territoriais, especialmente das necessidades das pessoas e recursos disponíveis, e feito através da concepção e implementação de ferramentas pela observação e avaliação estratégicas por parte dos atores territoriais diretamente envolvidos na gestão das tensões ligadas ao desenvolvimento territorial sustentável. A Inteligência Territorial matricula as suas pesquisas multidisciplinares, tendo em vista a combinação dos objetivos de desenvolvimento económico, social, ambiental e cultural no contexto de uma transição sócio-ecológica. Por isso nós pedimos que

os grupos de pesquisa Orinoco colombiano para refletir sobre os problemas do modelo em execucao, a fazer e responder perguntas relevantes e, acima de tudo, gerar maneiras alternativas de IT cujos resultados não seguem o mesmo caminho em termos de concentração do poder econômico, o ritmo de dependência econômica com a exclusão, a desnacionalização das economias, da construção de sociedades de mercado e, dessa forma, de indivíduos heterônomas incapazes de calcular e reivindicar civilmente sobre os problemas decorrentes da dívida ecológica e social do modelo que tem sido imposto.

Em consonância com isso, a partir deste número, a Revista Orinoquia, irá incluir uma sessão do Doutorado em Ciências Agrárias, adequadamente antes da arbitragem de pares científicos para compartilhar conhecimentos e discutir os problemas dos sistemas agrícolas e orinoquenses colombianos.

Agradecendo comentário sobre o adiantamento recebido em nosso site:

Pedro René Eslava Mocha, professor associado UNILLANOS,
Editor Orinoquia.